

E-TERMOS: DESCRIÇÃO, EMPRÉSTIMO E VARIAÇÃO

Cleide Lemes da Silva Cruz¹

RESUMO: O presente trabalho trata dos *e-terms* à luz da Teoria da Variação em Terminologia proposta por Faulstich (1999). Esta teoria serve aos nossos propósitos porque privilegia o estudo do termo e do conceito com base na observação do uso e no registro social. Interessa verificar como ocorre a variação dos *e-terms* a partir da entrada do empréstimo *e-mail*. Nesta teoria, o empréstimo é uma variante capaz de provocar, no português do Brasil (PB), o surgimento de uma forma vernacular em competição. Objetiva-se: a) identificar a ocorrência de variantes do tipo concorrentes, coocorrentes e competitivas; b) verificar as características de formação de tais variantes; c) averiguar categorias lingüísticas e tipificá-las; e d) descrever os dados de acordo com a forma e significados adquiridos no PB.

PALAVRAS-CHAVE: *E-terms*, empréstimo, variação.

ABSTRACT: This paper deals with the e-terms according to the Theory of the Variation in Terminology proposed by Faulstich (1999). This theory attends our purpose because it privileges the study of the term and its concept by observing the usage and the social register. It is aimed to verify as the variation of the and-terms from the entrance of loan email occurs. In this theory, the loan is a variant capable to provoke, in the Portuguese of Brazil (PB), the sprouting of a form to vernacular in competition. It is aimed: a) to identify the occurrence of variants of the type concurrent, coocurrent and competitive; b) to verify the characteristics of formation of such variants; c) to inquire linguistic categories and typifying them; and d) to describe the data in accordance with the form and meanings acquired in the PB.

KEYWORDS: E-terms, loan, variation.

¹ Mestra em Lingüística, pela UnB; professora de Língua Portuguesa do Cefet-MT. E-mail: cleidecruz.terra.com.br

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa situa-se no campo da Terminologia, compreendida como uma “disciplina lingüística consagrada ao estudo científico dos *conceitos* e *termos* usados nas línguas de especialidade; conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 25).

Um fenômeno recente da língua portuguesa é o aparecimento de uma nova maneira de grafar palavras, muito usada em meios eletrônicos de comunicação. O resultado desta comunicação rápida e instantânea é uma nova grafia, constituída de uma economia de caracteres digitados, empréstimos lingüísticos e uma variação em seus formativos, segundo a estrutura desses novos termos. Esse fenômeno trata-se dos *e-termos*, vocábulo que será utilizado no decorrer desse trabalho.

Os *e-termos* apresentam uma estrutura que os particulariza em relação aos itens lexicais comuns. No seu seio é possível, ainda, distinguir diferentes tipos de unidades.

Neste artigo, entende-se por *e-termo* cada uma das unidades que apresenta, na sua estrutura, a partícula *e* com o significado de *electronic* (eletrônico), por exemplo: *e-commerce*, por *electronic commerce*, *e-comércio* / *comércio-e*, por *comércio eletrônico*.

A ORIGEM DO FENÔMENO DOS *E-TERMS*: O *E-MAIL*

De acordo com Antunes, Correia e Gonçalves (2001), o termo *e-mail* é usado com grande frequência pelos falantes do português, uma vez que é mais econômico e polissêmico, constitui fator de prestígio e, para além disso, o fato de não existir uma política de língua que fomente o uso corrente de equivalentes no português fez com que o termo originalmente estrangeiro se expandisse com mais facilidade relativamente ao seu correspondente *correio eletrônico*.

O termo *e-mail* é tão frequentemente utilizado que, rapidamente, perdeu o seu estatuto de neologismo e apareceu atestado no *Dicionário*

Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001) como uma remissiva a correio eletrônico e como abreviação do inglês *e(lectronic) mail*, o mesmo ocorrendo com o termo *e-book*. Esta atestação comprova a integração dos termos no vocabulário do português do Brasil.

Por extensão, surgem termos relacionados com atividades e negócios que se realizam em nível eletrônico como *e-business*, *e-commerce*, *e-learning*, *e-marketing*, que, nas áreas de especialidade, perdem o seu caráter alógeno e se tornam transparentes no sistema lingüístico que os acolhe.

A CONCEPÇÃO DE TERMO

El término se relaciona fundamentalmente con otros términos en el sentido de conceptos, estableciendo así una red compleja de relaciones lógicas y ontológicas diversas que pretenden representar el conocimiento que hemos interiorizado de la realidad. Finalmente, para las especialidades, los términos se relacionan prioritariamente con otros términos del mismo ámbito de comunicación, configurando de este modo una serie de conexiones (o ‘campos terminológicos’) que pretenden representar organizadamente la realidad especializada² (CABRÉ, 1995, p. 8).

Um termo é uma unidade de características lingüísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade. Sob este ponto de vista, uma palavra que forme parte de um âmbito especializado seria um termo.

Para Wüster, apud Krieger (2001, p. 67), uma unidade terminológica consiste em uma “palavra” à qual se atribui um conceito como seu significado, ao passo que, para a maioria dos lingüistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo.

2 O termo se relaciona fundamentalmente com outros termos no sentido de conceitos, estabelecendo assim uma rede completa de relações lógicas e ontológicas diversas que pretendem representar o conhecimento que temos interiorizado da realidade. Finalmente, para as especialidades, os termos se relacionam prioritariamente com outros termos do mesmo âmbito de comunicação configurando, deste modo, uma série de conexões (ou “campos terminológicos”) que pretendem representar organizadamente a realidade especializada.

Moreira (2007, p. 2) afirma que o desenvolvimento terminológico é considerado como componente e conseqüente do desenvolvimento científico e tecnológico sendo, portanto, difícil ignorar os estudos cuja preocupação reflete-se exatamente no limite, no *terminus*, nas fronteiras que marcam a comunicação entre as ciências e as tecnologias entre si e com seu público.

Os *e-termos*, em particular, são termos de uma área de especialidade onde os movimentos de vocabulário entre línguas acompanham a importação da produção científica e técnica.

Krieger, apud Krieger e Maciel (2001, p. 68), afirma que a compreensão de uma unidade da língua, enquanto termo, está fundamentada no papel da dimensão conceitual do signo lingüístico que responde pelo “conteúdo especializado”: “O nome é o objeto mesmo da terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema coerente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão” (REY, apud Krieger e Maciel (2001, p. 68).

A TEORIA DA VARIAÇÃO

Segundo Cruz (2005, p. 34), vários autores discutem a variação em terminologia; dentre eles, há os que abominam tal ocorrência e os que a defendem. São eles, Wüster (2001), Boulanger (2001), Sager (1993), Cabré (1993), Aubert (2001), Gaudin (2004), Faulstich (1995 a 2003), entre outros.

Faulstich, em 1995, a partir das idéias expostas por esses teóricos, traça um caminho que aproxima teoria e prática de uma visão socioterminológica e, por conseqüência, de uma terminologia funcionalista. No dizer de Aubert, apud Faulstich (2001, p. 9), abre-se, assim, espaço para que, “ao lado de uma terminologia padronizadora, se desenvolva uma vertente de estudos mais propriamente descritivos, não-intervencionistas, que poderíamos rotular de *socioterminologia*”.

Faulstich defende que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um

mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado. Afirma ainda que “a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social” (FAUSTICH, 2002, p. 27).

Essa nova visão teve início a partir da década de 1990, quando começaram a surgir trabalhos que criticavam a falta de sensibilidade dos trabalhos terminológicos a situações de variação, ocasionadas pela diversidade de grupos sociais que trabalham em uma área especializada. Reconheceu-se que a análise do termo descontextualizado do meio social conduzia a interpretações que o marginalizavam de sua condição linguística. Assim, a terminologia variacionista, que se enquadra dentro de uma abordagem funcionalista, passa a dar ênfase à diversidade, porque reconhece que é por meio das línguas que se exercem as atividades sociais e cooperativas entre os falantes. Dentro desse ponto de vista, a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado.

Outra decorrência da compreensão de que o termo é um elemento das línguas naturais, isto é, unidade lexical que sofre todas as implicações sistêmicas e contextuais como qualquer palavra da língua, é o acolhimento do princípio da variação em toda sua dimensionalidade. “Tanto o conhecimento especializado quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas, podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritos em diferentes níveis de representação. Só assim a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade”, afirma Cabré, apud Krieger e Finatto (2004, p. 17). Faulstich propôs, em 1995, nos estudos de socioterminologia, uma abordagem funcionalista do termo, como já dissemos anteriormente, descreve as bases metodológicas para a pesquisa socioterminológica e defende princípios de estreita relação entre termo e variação. Elabora, ainda, uma tipologia de variantes terminológicas e inclui, dentre os postulados, a possibilidade de a terminologia variar e de a “variação poder indicar uma mudança em

curso” (ibid., p. 29). No modelo de Faulstich (1998/1999), esse postulado abre a análise do termo sob duas perspectivas: a sincrônica, em que formas variantes apresentam o mesmo significado referencial; e a diacrônica, em que o termo é descrito no seu percurso histórico, que “possibilita sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes, as quais permitem reconstruir quadros conceptuais da época, validados ou não na atualidade” (ibid., p. 47).

O CONSTRUCTO DE FAULSTICH

Para a construção da Teoria da Variação em Terminologia, Faulstich (1998, p. 23) levou em conta que a unidade terminológica, o termo, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”.

Essa teoria está sustentada por cinco postulados, quais sejam:

a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se a noção de heterogeneidade ordenada à estrutura terminológica;

b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;

c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;

d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;

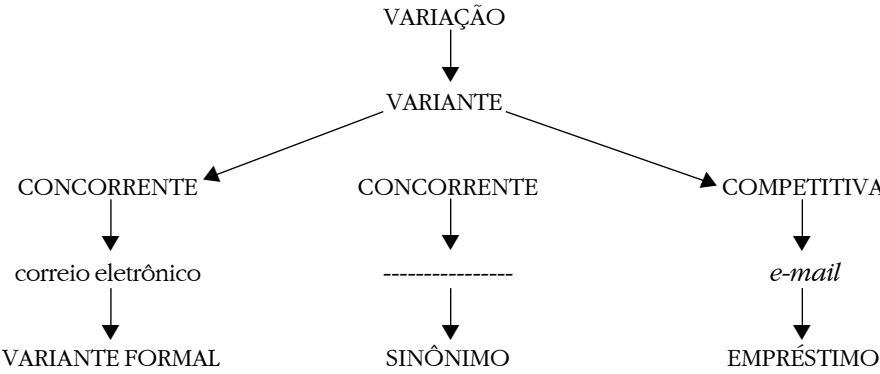
e) análise da terminologia em contextos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.

Orientada por esses postulados, Faulstich (1999) formulou o seguinte constructo teórico da variação, do qual nos valem para demonstrar as variações, na análise dos dados mais adiante: concorrente, coocorrente e competitiva.

A *variação* ocorre pela ação do movimento gradual do termo no tempo e no espaço e é provocada pela função de uma dada *variável* que, por sua vez, se realiza sob forma de uma *variante* e estas se com-

portam como variáveis dependentes, dentro de um processo de variação, a caminho de concretizar-se como mudança (ibid., p. 31).

Figura 1. Constructo adaptado de Faustich.



Fonte: FAUSTICH, 1999, p. 30.

De acordo com Faulstich (ibid. p, 87), o processo de variação se dá dentro de um constructo teórico, em que as variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas de acordo com as lacunas que elas venham a preencher. Cruz (2006) afirma que a análise é mais que necessária, dada a particularidade dos *e-termos* coletados, e a noção de que alguns deles acabam se integrando ao léxico e permanecem integrados mesmo apresentando um termo vernacular oriundo da língua receptora.

Lamberti (2003, p. 84) afirma que o português do Brasil não somente adota o empréstimo lingüístico de língua inglesa, mas também reage a esta adoção, produzindo formas vernaculares de mesmo valor e de mesma função do empréstimo. Isto implica interpretar a entrada do empréstimo como uma entidade que ativa a variação, realizada sob a forma da variante competitiva.

VARIANTE CONCORRENTE

No que se refere ao pólo das variantes concorrentes, podemos afirmar que “quando uma variante concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência” (FAULSTICH, 1999, p. 15). Cite-se, por exemplo, o caso da variante terminológica de discurso, de acordo com Strehler (1995): *e-business*, que figura na internet para identificar os negócios efetuados por meios eletrônicos (discurso técnico), e *e-commerce* (discurso vulgarizado), muitas vezes associada ao termo *e-business*.

VARIANTE COOCORRENTE

Com relação ao pólo das variantes coocorrentes, pode-se afirmar que formalizam a sinonímia terminológica, que “relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 1999, p. 16). É característica aos termos neológicos uma instabilidade, ou seja, uma variação da estrutura da língua recebedora. Cite-se o exemplo de *e-comércio* e *comércio-e*, que são considerados sinônimos, pois podem ser utilizados nos mesmos contextos. Nele, há duas possibilidades de grafia: uma com o termo *e-* à frente do substantivo – *e-comércio* – e outra com o termo *e-* posterior ao substantivo – *comércio-e*.

VARIANTE COMPETITIVA

Com relação às variantes competitivas, Faulstich (1999) as define da seguinte forma:

As variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. [...] As variantes competitivas realizam-se por meio de pares formados por empréstimos lingüísticos e formas vernaculares.

Assim, o constructo teórico da variante competitiva de Faulstich (1999) passa a ter uma representação ampliada.

Figura 2. Constructo da variante competitiva.



Fonte: LAMBERTI, 2003, p. 90.

Com base no que foi acima exposto, foram encontradas as seguintes categorias de variantes competitivas no uso do português do Brasil:

a. Termos tal qual na língua inglesa e termo vernacular motivado com coincidência de significado – (e- + base inglesa).

³ Um estrangeirismo reúne características de: a) ser palavra de origem estrangeira e, ao mesmo tempo, ser palavra estrangeira no sentido de ter forma própria da língua de origem, como *e-mail*; e b) ter comportamento descrito em (a) e uso não-generalizado na língua receptora pelo fato de não estar difundido em uma comunidade, caso que não acontece com o termo *e-mail*, pois o mesmo é muito difundido no Brasil.

⁴ O empréstimo propriamente dito possui características de: a) ser palavra de origem estrangeira, assim como palavra estrangeira quando sua forma ainda não foi adaptada à língua receptora, como *e-mail*, *e-business*; b) ser palavra atestada como de origem estrangeira, mas ter sua forma totalmente adaptada à gramática da língua receptora, decalcada ou híbrida, como *e-comércio*, *e-cemitério*, respectivamente; e c) ser tanto em (a) como em (b) termo de uso generalizado, ou seja, termo difundido em uma comunidade.

Neste caso, o termo estrangeiro preencheu uma lacuna lexical no PB e motivou o surgimento de um novo significado para uma palavra vernacular existente na língua. A exemplo disso, temos o termo *correio* que, com a entrada na língua do termo *e-mail*, assume o adjetivo – *eletrônico* – para designar o sistema de correio eletrônico de mensagens.

b. Termo que gera composto híbrido e termo vernacular motivado com coincidência de significado – (e- + abreviação de empréstimo).

O empréstimo gerou a formação de uma palavra composta híbrida no PB. Ocorreu, portanto, o preenchimento de lacuna lexical vernacular motivada pela palavra composta híbrida. Nessa categoria, ocorre, como exemplo, *e-zine*, o mesmo que revista eletrônica. O empréstimo *e-* (de *eletronic*) gerou uma palavra por composição a partir da abreviação de um outro empréstimo – *magazine*. O termo gerou a criação de um outro termo no vernáculo – revista eletrônica.

c. Termo composto que apresenta o primeiro elemento e- estritamente parafraseável por eletrônico e o segundo termo em português – (e- + termo vernacular).

O empréstimo gerou a criação de palavras compostas, como por exemplo: *e-negócio*, *e-comércio*, *e-transformação*, *e-formação*, *e-formar*, *e-cemitério* e *e-cova*⁵.

d. Termo tal qual na língua inglesa e termo composto em letras maiúsculas funcionando como abreviação do termo que apresenta, na sua extensão, o termo e- de eletrônico.

5 Estes dois últimos termos foram utilizados pelo fundador e diretor da Brás e Figueiredo na Revista Info-Exame (jan. 2001) e designa um espaço utilizado para enterrar as empresas de internet que irão falecer no século XXI.

O empréstimo *e-learning* gerou a criação da expressão – *educação a distância* – e, ainda, sua abreviação – EAD. O peticionamento eletrônico nos tribunais também contribuiu para a criação desse tipo de variante, como vemos em CPE – Cartas Precatórias Eletrônicas, embora este último não tenha um correspondente em inglês; além do *e-DOC* (Sistema Integrado de Protocolização e Fluxo de Documentos Eletrônicos da Justiça do Trabalho) e *e-proc* (processos eletrônicos).

e. Termo que possui em sua estrutura o termo eletrônico, mas não apresenta abreviação.

Exemplos que abonam esta informação podem ser encontrados também na área do Direito, que, a partir da sanção da Lei nº 11.416/06, criou a chamada *auto-intimação eletrônica* (ainda sem abreviação), que, por analogia, pode-se pensar na seguinte abreviação do termo: *e-auto-intimação*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou reaplicar o modelo apresentado por Faulstich (1995a; 1995b; 2003), na intenção de analisar os *e-termos*, bem como o processo de como se dá a variação em terminologia. O modelo, à medida que foi testado, comprovou que, na área de especialidade, há variação, sim, ao contrário do que afirmava Wüster; e que ela ocorre dentro de um constructo teórico que visa organizar uma gramática.

De fato, a partir do termo *e-mail*, que se apresentou como o precursor do “*e-fenômeno*”, rapidamente apareceram construções cada vez mais próximas do sistema lingüístico do português. Logo, passou a utilizar-se *e-* para designar, nas mais variadas áreas, “eletrônico, o que é relativo à Internet”. Exemplos que abonam esta informação podem ser encontrados também na área do Direito, que, a partir da sanção da Lei nº 11.416/06, criou os chamados: *e-DOC*, *auto-intimação eletrônica*, *e-*

proc, CPE – Cartas Precatórias Eletrônicas.

No pólo das concorrentes, há, por exemplo, o caso da variante terminológica de discurso, *e-business*, sendo afetada pelo termo *e-commerce*.

No pólo das coocorrentes, há o exemplo de *e-comércio* e *comércio-e*, que são considerados sinônimos, pois podem ser utilizados nos mesmos contextos.

E, no pólo das competitivas, se observou que estas foram as mais presentes e que, para tal análise, foi necessária a divisão em grupos, analisados sob perspectivas particularizantes.

A aplicação do postulado de Faulstich mostrou-se tão produtivo que facilmente se constrói uma tipologia descritiva dos *e-termos* baseada, por um lado, na apresentação gráfica, por outro, no nível de integração em que a unidade se insere e, por outro ainda, na estrutura sintática que apresenta. Encontramos três tipos: o primeiro, obedecendo à estrutura do inglês (*e-mail*, *e-book*, *e-learning*); o segundo, obedecendo à formação a partir do empréstimo *e-* (*de eletronic*) composto a partir de outro empréstimo – magazine (*e-zine*); o terceiro, obedecendo à estrutura na qual o primeiro elemento *e-* é estritamente parafraseável por ‘eletrônico’ e o segundo termo em português (*e-comércio*, *e-cemitério*, *e-cova*).

Concebe-se, a partir das análises, que os termos estão sujeitos à variação desde o momento em que formam parte da comunicação e são usados pelos distintos parâmetros sociais em que se desenrolam os discursos especializados, o hábitat natural dos termos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M.; CORREIA, S.; GONÇALVES, R. *E-termos: descrição e hipóteses de classificação*. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL), 18, *Actas*. Lisboa: APL & Colibri, 2001. p. 121-130.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.419, de 19 de dezembro de 2006. Dispõe sobre a informatização do processo judicial; altera a Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 – Código de Processo Civil; e dá

outras providências. Brasília-DF, 2006.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, [s.l.], v. 24, n. 3, 1995.

CRUZ, C. L. S. *Estudo da terminologia das fibras e tecidos na área têxtil*. Brasília, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística), LIV/CENTRO LEXTERM – UnB. 150 p.

_____. *Variação em terminologia: aplicação do constructo de Faulstich*. In: Seminário de Linguagens, 6., 2006, Cuiabá. *Resumo...* Cuiabá: UFMT, 2006.

FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lexterm – UnB, 1995a. 31p.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 281-288, 1995b.

_____. Planificação linguística e problemas de normalização. *ALFA*, São Paulo: UNESP, n. 42, p. 247-268, 1998.

_____. *Princípios formais e funcionais de variação em terminologia*. In: Seminário de Terminologia Teórica, 1999, Barcelona-Espanha. *Anais...* Barcelona: [s.n.], 1999. p. 28-29.

_____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glosários*. Brasília: LIV/IL/UnB/Centro Lexterm, 2001, p. 16.

_____. Variação em terminologia. Aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, G. G.; LAGOS, M. F. P. (Orgs.). *Panorama actual de la terminologia*. Granada: Editorial Comares, 2002.

_____. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: _____.; ABREU, S. P. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia* – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. São Paulo: Editora Objetiva Ltda., 2001. 1 CD-ROM.

KRIEGER, M. T.; MACIEL, A. M. B. *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Editora UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

_____. O termo: questionamentos e configurações. In: _____.; MACIEL, A. M. B. *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Editora UFRGS/Humanitas/USP, 2001. p. 62-81.

_____.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAMBERTI, F. C. C. Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil. In: FAUSTICH, E.; ABREU, S. P. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia* – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 83-97.

MOREIRA, Walter. *Lexicologia, terminologia, ontologia e representação documental*: estudos de interface por meio de análise de periódicos de Ciência da Informação. *Revista Biblos*, a. 8, n. 27, p. 1-18, 2007.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. *Manual de terminologia*. Quebec-Canadá: Hull, [200-]. Disponível em: <www.translationbureau.gc.ca>. Acesso em: 1 set. 2002.

STREHLER, René. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. *Ciência da Informação*, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 338-340, set./dez. 1995.

UM e-cemitério para os sites. *Info Exame*. São Paulo: Abril, a. 16, n. 178, p. 52-53, jan. 2001.